

Na corda bamba: notas introdutórias sobre a adesão ao calvinismo nas Assembleias de Deus no Brasil

On the Tightrope: Introductory notes about the adherence to Calvinism in the Assemblies of God in Brazil

Recebido: 13/10/2018 | Aceito: 24/05/2019

Marcelo Lopes*

Resumo: O presente ensaio tem como objetivo trazer a lume o fenômeno da manifesta adesão de alguns líderes e leigos assembleianos à doutrina calvinista ou reformada na Igreja Evangélica Assembleia de Deus no Brasil. Trata-se de um fato de não somenos importância que, conquanto ainda incipiente, reflete uma mudança diametral ou um ponto de inflexão doutrinário na maior denominação pentecostal brasileira. Ressaltamos, todavia, que dessa proposta não resulta nenhum esgotamento do assunto, tampouco essa reflexão se pretende plenamente elucidativa em suas conclusões. Portanto, importa-nos iluminar o fenômeno em si e, quiçá, ensejar problematizações e abordagens ulteriores.

Palavras-chave: Assembleias de Deus; Calvinismo; Arminianismo.

Abstract: This essay aims to illuminate the phenomenon of the manifest adherence of some leaders and lay assemblies to the Calvinist or Reformed doctrine in the Evangelical Assembly of God Church in Brazil. This fact should not be underestimated and, while still incipient, reflects a significant change or doctrinal tipping point in the largest Brazilian Pentecostal denomination. However, we emphasize that this proposal does not result in any exhaustion of the subject, nor is this reflection fully intended to be illuminating in its conclusions. Therefore, we need to illuminate the phenomenon itself and perhaps give rise to further problematizations and approaches.

Keywords: Assemblies of God; Calvinism; Arminianism.

1. Considerações iniciais

A Igreja Evangélica Assembleia de Deus no Brasil (AD) é a maior denominação pentecostal do país (ALENCAR, 2012, p. 285), que no levantamento demográfico mais recente mostrou possuir pouco mais de 12 milhões de adeptos (CENSO DEMOGRÁFICO 2010). Embora essa denominação não seja um bloco monolítico¹,

* Doutor em Ciência da Religião pela Universidade Federal de Juiz de Fora. Pesquisador do Núcleo de Estudos em Protestantismo e Teologias – NEPROTES (UFJF/CNPq). E-mail: montanhista-ms@hotmail.com.

¹ Há ao menos três convenções de igrejas denominadas Assembleias de Deus, quais sejam: Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil (CGADB); Convenção Nacional das Assembleias de Deus no

somente esse dado seria suficiente para fornecer uma justificativa de seu valor heurístico. No entanto, não se trata de valorações quantitativas apenas, antes, o que nos chama a atenção aqui é justamente a questão qualitativa de seu desenvolvimento histórico e social enquanto fenômeno religioso.

Um exemplo desse seu desenvolvimento histórico é a recente adesão de pastores e leigos da AD à teologia calvinista ou reformada. Essa adesão causa pasmo dentro e fora da denominação, pois a AD, até o presente momento, aderiu à teologia arminiana. Assim, embora ainda diminuto numericamente e sendo olhado com bastante desconfiança e perplexidade pela denominação, tal fenômeno não é algo desconsiderável, sobretudo porque se trata de uma mudança teológica muito significativa e até então inédita nesse nicho pentecostal.

Nesse sentido, o presente ensaio não se pretende elucidativo, tampouco pretende esgotar o assunto. Ao contrário, conforme explicitado no título que demos, pretendemos apresentar algumas “notas introdutórias” acerca do fenômeno que se apresenta, a um tempo, instigante e profícuo heurísticamente. Nesse fito, apresentaremos ao leitor um breve panorama situacional, o marco histórico do fenômeno e a reação imediata a ele. Cumpre sublinhar também que este texto visa, a partir do instrumental teórico da Ciência da Religião, a suscitar problematizações ulteriores sobre esse objeto.

Pensamos ser apropriado, desde logo, esclarecer o título que demos ao ensaio. “Na corda bamba” é um mote que contém implicitamente um trocadilho que remete a duas questões que permeiam a problemática, quais sejam: a primeira, refere-se à teologia arminiana que matizou o assembleianismo, mais precisamente sua concepção soteriológica² da possibilidade do cristão perder a salvação ou, em termos calvinistas, decair da graça, daí o primeiro sentido da epígrafe “na corda bamba”, uma vez que a tensão gerada pelo perigo do decaimento da graça perpassa toda a vida do crente assembleiano.

A segunda refere-se à situação, no mínimo inusitada, senão embaraçosa, de pastores e leigos assembleianos que se autodeclararam calvinistas ou teologicamente reformados. Esses, com tal atitude, colocam-se “na corda bamba” ao assumirem uma teologia diametralmente oposta à da denominação e, portanto, passíveis de retaliações eclesiásticas e quiçá o desligamento institucional, daí o segundo sentido da epígrafe “na corda bamba”.

Assim, é preciso rubricar que o nosso fulcro aqui não é polemizar a celeuma, tampouco tomar partido de qualquer um dos lados, mas alçar a temática ora em tela à apreciação da academia e do público em geral, a qual julgamos ser relevante e proveitosa, mormente, para os estudiosos do subcampo religioso pentecostal.

2. Breve panorama situacional

Hodiernamente, tornou-se lugar comum classificar a AD no gradiente pentecostal como vertente do pentecostalismo clássico ou pentecostalismo de primeira onda, de

Brasil Ministério de Madureira (CONAMAD), e a Convenção da Assembleia de Deus no Brasil (CADB), além daquelas AD não convencionadas, isto é, os ministérios autônomos, dentre as quais emerge, proeminentemente, a Assembleia de Deus Vitória em Cristo (ADVEC) do Pr. Silas Malafaia.

² Soteriologia é o ramo da teologia sistemática que se ocupa do aspecto salvífico exposto nas Escrituras Sagradas. No gradiente protestante, duas posições contrastam entre si: a arminiana e a reformada ou calvinista.

acordo com a tipologia sociológica que a aloca em vagas ou ondas consecutivas de determinados períodos históricos (FRESTON, 1994). Sublinhe-se que, nessa primeira onda, estaria inserida também a igreja pentecostal Congregação Cristã no Brasil (CCB).

Cronologicamente, essa primeira onda foi composta primeiramente pela CCB – no Brasil desde 1910, e em segundo lugar pela AD – no Brasil desde 1911. A CCB foi fundada pelo italiano Louis Francescon e a AD pelos suecos Daniel Berg e Gunnar Vingren. Não obstante suas semelhanças, percebe-se uma diferença significativa em suas doutrinas, pois não se pode ignorar a matriz arminiana do pentecostalismo brasileiro, exceção feita à CCB e a Igreja Cristã de Nova Vida³, de matriz calvinista. A CCB possui herança calvinista em virtude de seu fundador ter sido, outrora, protestante de linha teológica reformada. Vejamos:

Esse quadro pode ser observado na trajetória de Francescon, que aos 15 anos foi para a Hungria em busca de trabalho, voltou para a Itália, cumpriu serviço militar e com quase 24 anos de idade emigrou para os Estados Unidos; ali chegou a 3 de março de 1890 e foi morar em Chicago, cidade com numerosa colônia italiana. Naquele mesmo ano, converteu-se ao protestantismo e, em 1892, participou da criação da Igreja Presbiteriana Italiana de Chicago (MONTEIRO, 2010, p. 128).

Nessa igreja presbiteriana, Francescon chegou a ser eleito diácono e depois ancião ou presbítero (MONTEIRO, 2010, p. 129) e, embora Francescon tenha posteriormente aderido à fé pentecostal, legou à CCB traços da doutrina reformada ou calvinista⁴. Destacamos essa marca sem qualquer leviandade, até porque as idiossincrasias do campo religioso estadunidense à época inviabilizavam qualquer mito de pureza. Aqui, levamos em consideração a leitura feita por Antonio Gouvêa Mendonça e Prócoro Velasques Filho quando analisaram a religiosidade norte-americana no processo civilizatório estadunidense. Vale lembrar que o pentecostalismo é fruto direto desse processo. Segundo esses autores,

a essa altura, o protestantismo deste lado do Atlântico já é muito diferente de seu ancestral europeu. Mas o problema não termina aí. Quando esse protestantismo chegou nos Estados Unidos, muitas das disputas entre puritanos, arminianos, pietistas, unitarianos, proponentes do evangelho

³ Como estudar essa denominação não é nosso objetivo neste texto, colocaremos para o leitor somente informações pontuais. A Igreja de Nova Vida é considerada uma igreja de segunda onda conforme a tipologia de Freston (1994), também conhecida como deuteropentecostalismo. Foi fundada pelo missionário canadense Robert Mac Alister na década de 1960. Sua teologia é “pentecostal reformada” segundo disposto no site de sua escola teológica, o IBRMEC - Instituto Bispo Roberto McAlister de Estudos Cristãos. Disponível em: <<http://www.ibrmec.com.br/>>. Acesso em: 14 out. 2016.

⁴ Monteiro cita algumas características que corroboram nossa argumentação de uma concepção soteriológica calvinista, isto é, que, grosso modo, os eleitos de Deus já estão predeterminados para salvação e, de um modo ou de outro, chegarão à comunidade dos eleitos. Segundo Monteiro (2010, p. 142), “o modelo de atuação da CCB é praticamente oposto àquele usualmente atribuído ao pentecostalismo. Não se fazem cultos ao ar livre, pregações em praças ou locais públicos. Não são permitidas campanhas evangelísticas nem impressão e/ou distribuição de folhetos”.

social, fundamentalistas e avivalistas já estavam superadas. Cada grupo havia absorvido um pouco do outro, tornando o protestantismo norte-americano uma complexidade capaz de confundir historiadores, teólogos e sociólogos (MENDONÇA; VELASQUES FILHO, 1990, p. 108).

Foi justamente na efervescência do subcampo religioso norte-americano na virada do século XIX para o XX que surgiu o pentecostalismo. Nesse aspecto, cumpre rubricar, o pentecostalismo brasileiro descende “genealogicamente” do avivamento da Rua Azuza. Conforme boa parte dos historiadores do movimento pentecostal, foi William Seymour quem iniciou o movimento quando, num culto presidido por ele, ocorreu o primeiro caso de glossolalia em Azuza Street. Naquele culto, estava presente o pastor batista William Howard Durham, que também recebeu o carisma e,

do círculo de seguidores de William Durham, que em 1907 organizou a Nirth Avenue Mission, saíram Louis Francescon, Daniel Berger e A. Gunnar Vingren, que iniciaram a propagação do pentecostalismo no Brasil (CAMPOS, 2005, p. 112).

O fato é que Berg e Vingren – cuja herança lhes fora legada por sua pertença anterior às Igrejas Batista Suecas Livres – eram, do ponto de vista teológico, adeptos ao arminianismo, o que os levou a imprimir na AD essa marca doutrinária. Ao contrário da CCB, a AD desenvolveu um evangelismo ostensivo e, às vezes, até mesmo agressivo, posto que apologético e anticatólico. Embora inicialmente condenasse as mídias como ferramentas de evangelização, a

Assembleia de Deus, depois de 30 anos de debates e disputas, adequava-se às transformações tecnológicas e abria-se à grande e pequena mídia (fitas cassetes e filmes de vídeo), às transmissões dos programas de rádio, e TV, via satélite e *internet*, à evangelização eletrônica por meio da compra de espaços em canais privados, ao uso de mensagens via e-mail, às chamadas telefônicas, aos *websites*, entre outras. Segundo Mariano (2004), o proselitismo em rádio e TV, ao difundirem as mensagens e os apelos das igrejas, tornou-se meio para atrair grande número de indivíduos das mais diversas localidades geográficas e alcançar aqueles que não tinham contato ou relação de confiança, amizade e parentesco com os fiéis da denominação (MARIN, 2014, p. 458).

É importante essa apresentação inicial, pois se percebe uma diferença significativa no que tange à concepção soteriológica de ambas igrejas, isto é, a AD e a CCB, a primeira arminiana e a segunda de tendência calvinista. Essa diferenciação está no cerne de nossa problemática, uma vez que as convicções soteriológicas arminianas e calvinistas são diametralmente opostas.

Do ponto de vista cronológico, o arminianismo e o calvinismo, enquanto sistemas doutrinários soteriológicos, foram cancelados mutuamente excludentes no século XVII, por ocasião do Sínodo de Dort, que condenou as posições dos remonstrantes e afirmou os cinco pontos do calvinismo em resposta aos discípulos de Armínio. No entanto, as concepções que envolvem a celeuma remontam aos pais da

Igreja como, por exemplo, Tertuliano com sua ênfase no pecado original, uma espécie de concupiscência herdada de Adão por todos os seres humanos, e depois Agostinho em sua polêmica contra Pelágio acerca da questão do monergismo e do sinergismo⁵ em termos salvíficos.

Já na época imediatamente após a Reforma Protestante, a fragmentação teológico-doutrinária do movimento protestante deu ensejo à concepções soteriológicas díspares. Porém, foi no processo civilizatório norte-americano, do qual o protestantismo foi protagonista, que se agravou o quadro dessa celeuma, mormente nos períodos dos grandes avivamentos estadunidenses⁶, cujas ênfases litúrgico-doutrinárias do pentecostalismo foram sendo paulatinamente plasmadas, num processo histórico-social de longa duração.

O escopo desse panorama histórico é que a AD brasileira é, do ponto de vista teológico, arminiana. Ademais, o sistema de governo nessa denominação é episcopal⁷, isto é, há uma centralização do poder ou capital religioso na figura, sobretudo, do “Pastor Presidente” (ALENCAR, 2012). Tal cargo é vitalício, hereditário ou nepoticamente cedido. Essa verticalização do poder acaba por formar verdadeiras oligarquias. Assim, vozes dissonantes nesse sistema são veementemente desencorajadas, inclusive as novas vertentes teológicas como esse o calvinismo pentecostal que ora ocorre.

Portanto, a adesão a uma concepção doutrinária rechaçada pela instituição religiosa, abre precedente “perigoso” para o desvirtuamento da reta doutrina, segundo os assembleianos. Ademais, é preciso lembrar que, apenas há algumas décadas atrás, muitos assembleianos “foram ‘disciplinados’ nas suas igrejas de origem porque foram estudar teologia” (ALENCAR, 2012, p. 150). Percebe-se, assim, que divergir em questão de doutrina, de fato, é algo perigoso para quaisquer denominações exclusivistas da verdade, incluindo aqui também aos pentecostais.

3. Um marco histórico – pastor Jeremias do Couto se assume calvinista: e agora?

Bacharel em teologia pelo Instituto Bíblico das Assembleias de Deus (IBAD, Pindamonhangaba-SP) e mestre em teologia pelo *Gordon-Conwell Theological Seminary* (Massachusetts - EUA), Jeremias do Couto é pastor assembleiano, além de escritor e conferencista. Respeitado nos círculos de liderança assembleianos, já ocupou cargos de destaque na denominação, tais como: segundo vice-presidente da UMADER – União de Mocidade das Assembleias de Deus do Estado do Rio, fez parte da equipe de redatores dos periódicos da CPAD e de seu Departamento de Escola Dominical, chefou

⁵ Em linhas muito gerais, monergismo refere-se à concepção de uma salvação efetuada unicamente por Deus, enquanto que sinergismo pressupõe alguma participação humana nesse processo.

⁶ Para uma melhor visada do assunto, ver NIEBUHR, H. Richard. *As origens sociais das denominações cristãs*. São Paulo: ASTE, São Bernardo do Campo: IEPG, 1992; MENDONÇA, Antonio Gouvêa; VELASQUES FILHO, Prócoro. *Introdução ao Protestantismo no Brasil*. São Paulo: Loyola, 1990, e MENDONÇA, Antonio Gouvêa. *O Celeste Porvir: a inserção do protestantismo no Brasil*. São Paulo: ASTE; São Paulo: Pendão Real; São Bernardo do Campo: Editora IMS. 1995.

⁷ Há autores que advogam ter a AD uma forma de governo própria e peculiar, isto é, uma forma mista de governo, que engloba elementos episcopais com presbiterianos.

o Setor de Jornalismo da editora assembleiana, onde exerceu, posteriormente, o cargo de Diretor de Publicações. Foi professor do Instituto Bíblico Pentecostal, professor da EPOE, segundo vice-presidente das Assembleias de Deus em Cordovil, /RJ, presidente da Associação Teológica Serrana; e fundou as Assembleias de Deus – Centro Missionário Cristão, em Teresópolis, /RJ, das quais é presidente de honra.



Figura 1. Foto do pastor Geremias do Couto. Disponível em: <<http://teologiapentecostal.blogspot.com.br/2015/01/assembleiano-e-calvinista-convicto-uma.html>>. Acesso em: 22 jul. 2017.

Isso posto, seria de admirar que um líder assembleiano dessa envergadura causasse pasmo dentro e fora da AD por sua posição teológica. O motivo do pasmo foi que Geremias do Couto se autodeclarou calvinista convicto. E não só isso, assumiu tal posicionamento publicamente ao conceder entrevista sobre o tema a Gutierres Fernandes Siqueira, a qual foi publicada em 30 de janeiro de 2015 no blog “Teologia Pentecostal: reflexões teológicas acerca da doutrina e espiritualidade do pentecostalismo”⁸.

Parece-nos interessante reproduzir aqui trechos dessa entrevista que tocam na temática de nosso esforço heurístico aqui empreendido.

Gutierres Fernandes Siqueira: Como pastor das Assembleias de Deus, conhecido escritor entre os assembleianos e de uma família de tradição pentecostal, como foi aderir ao Calvinismo? Qual a causa e a circunstância dessa guinada teológica?

Geremias do Couto: Creio que a expressão “aderir” é muito simplificadora, sobretudo para quem constrói a sua história de vida à luz da coerência. Isso foi mais resultado de um processo iniciado ainda na minha adolescência do que uma mudança propriamente dita. Sempre fui questionador e ledor voraz desde quando ainda era criança. Fui da época em que se marcavam os versículos a lápis de cor durante a leitura. Mantenho ainda o mesmo hábito. Embora se diga que a AD seja tradicionalmente arminiana, pelos muitos de seus escritos

⁸ Matéria disponível em: <<http://teologiapentecostal.blogspot.com.br/2015/01/assembleiano-e-calvinista-convicto-uma.html>>. Acesso em: 22 jul. 2017.

em nossos órgãos oficiais, na prática, na rotina dos nossos púlpitos, regra geral, a verdade é que sobrepujava uma tendência para o semipelagianismo, sem que os pastores soubessem até o que isso significa. É só nos lembrarmos dos antigos “cultos de doutrina”, onde o que menos tínhamos era doutrina, mas a insistência na pregação dos usos e costumes, de forma opressora, com o risco de “perder” a salvação, se incorrêssemos na quebra de uma daquelas regras, mesmo que fosse jogar bola de gude ou soltar pipa. Cresci nesse ambiente em que durante o dia me via “perdendo” a salvação várias vezes, com drama de consciência, pois não conseguia cumprir à risca o que era necessário para manter-me salvo. A noite, tentando dormir, sofria com medo de ir para o inferno, se morresse, por causa das falhas cometidas. A primeira vez em que se ensinou sobre a diferença entre doutrina e costumes em nossa igreja foi através do pastor Antonio Gilberto. Eu tinha por volta de 13 anos. Nos dias seguintes foi só confusão. O ministério foi até reunido, de forma protocolar, para discutir a questão. Para mim, no entanto, tratou-se de um divisor de águas até porque, em conversa particular com o conhecido mestre, enquanto almoçava com ele no restaurante, pude lhe expor um problema que então me atormentava: a masturbação. Ali, com a sua sabedoria, começou a descortinar-se para mim, como numa penumbra, o sentido da verdadeira salvação. Mas se contasse o problema para um dos presbíteros da igreja, seria sumariamente excluído da igreja. Pelo menos era o que eu pensava pela forma como éramos ensinados a viver a vida cristã. Ora, isso nunca foi arminianismo, mas com bastante complacência identifiquei como semipelagianismo: a salvação obtida pelo esforço humano. Com o tempo passei a ter contato com as doutrinas da graça, a ler os mesmos livros citados pelo pastor Silas Daniel em sua entrevista, além de alguns outros, a fazer perguntas e mais perguntas, em diálogos imaginários com os autores das respectivas obras, com lógica e método na exposição do raciocínio, sem nunca abandonar a Bíblia, até que abraçar a fé reformada tornou-se algo natural, sem que houvesse necessidade de qualquer ruptura “explosiva”⁹.

Aproveitando o ensejo da fala de Jeremias de que “abraçar a fé reformada tornou-se algo natural”, naturalidade não seria a melhor palavra para definir a reação dessa declaração no seio assembleiano. Afirmamos isso, pois alguns pastores e membros da AD vieram a público tratar do assunto, cuja percepção não foi nada natural. Um dos principais opositores foi o pastor Altair Germano, vice-presidente do Conselho de Educação e Cultura (CEC) da Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil (CGADB).

Em sua página “Blog do Pastor Altair Germano”, esse detrata o calvinismo na AD como “vento de doutrina”, com o qual se deve ter especial cuidado para dizer o mínimo, quiçá, ser severamente rechaçado. Citamos aqui o pastor Altair Germano, pois é, publicamente, ferrenho opositor do calvinismo na AD. Ademais, alguns de seus *posts* atacam frontalmente ícones do calvinismo nacional¹⁰, como por exemplo, o Rev. Augustus

⁹ Matéria disponível em: <<http://teologiapentecostal.blogspot.com.br/2015/01/assembleiano-e-calvinista-convicto-uma.html>>. Acesso em: 22 jul. 2017.

¹⁰ Referimo-nos aqui especialmente à sua matéria *Calvinismo parasitário*, disponível em: <<http://www.altairgermano.net/2017/03/calvinismo-parasitario.html#links>>. Acesso em: 22 jul. 2017, na qual ataca frontalmente a teologia calvinista e o Rev. Augustus Nicodemus.

Nicodemus. Trata-se, portanto, de uma celeuma que extrapola o subcampo pentecostal assembleiano, mas que, para nosso fito, restringiremos às querelas nesse nicho religioso.

Dado o ineditismo da temática, ainda não há pesquisas empíricas que mensurem quantitativamente a abrangência desse fenômeno. Entrementes, é possível identificar que não apenas teólogos, mas também leigos têm aderido à doutrina reformada, e isso de forma pública, como por exemplo na rede social Facebook¹¹, na qual há uma comunidade autodenominada Assembleianos Calvinistas com trezentos e seis seguidores. Além disso, o próprio Pr. Silas Daniel, assembleiano defensor do arminianismo, admite que “hoje o Calvinismo é cada vez mais comum no meio assembleiano, isso se deve tão somente ao fato de que temos ensinado pouco ou quase nada sobre o verdadeiro Arminianismo nos púlpitos e seminários de nossas igrejas” (DANIEL, 2015).

Essa assunção pública de uma doutrina que diverge daquela postulada institucionalmente pela denominação, talvez não seja maior ou mais expressiva em razão do receio das prováveis retaliações por parte dos especialistas do sagrado assembleianos, que detêm o capital religioso e a administração dos bens simbólicos da religião, além do carisma institucional que lhes confere certo poder disciplinador e coercitivo sobre os adeptos da denominação (BOURDIEU, 2007; WEBER, 1991, 1999). Essa hipótese tem relativa pregnância, sobretudo se observarmos o tratamento dispensado a alguns calvinistas por parte da liderança da CGADB, conforme veremos no tópico seguinte.

4. No rastro dos embaraços – palestra do pastor presbiteriano Augustus Nicodemus é cancelada na CPAD: uma invectiva contra-ortodoxa?

Antes de abordarmos a celeuma envolvendo o Rev. Augustus Nicodemus, talvez seja necessário pontuar que a presença calvinista no seio assembleiano já se fazia notar, aliás, já se fazia notável, inclusive com grandes ícones midiáticos da Igreja Presbiteriana do Brasil (IPB), como o Rev. Hernandes Dias Lopes. O que pretendemos com tal assertiva? Pretendemos demonstrar que certa simpatia pelo calvinismo não era velada, mas explícita, a ponto do referido ícone não só ser um palestrante convidado, mas ser homenageado por Charles Belmonte, gerente da CPAD Mega Store à época, conforme imagens abaixo.

¹¹ Disponível em: <<https://www.facebook.com/AssembleianosCalvinistas/>>.



Figura 2. Folder da palestra do Rev. Hernandes e sua homenagem na CPAD Mega Store em 27/04/2016. Disponível em: <<http://www.jmnoticia.com.br/2016/07/18/14752/>>. Acesso em: 22 jul. 2017.

Ora, por que cancelar a palestra do também calvinista e pastor da IPB Augustus Nicodemus? Nossa hipótese aqui é que o perfil individual dos dois calvinistas aqui citados foi o fator decisivo nessa celeuma. Se por um lado o Rev. Hernandes tem um perfil mais, digamos: “ecumênico”, porquanto sua característica de ser dado ao diálogo interdenominacional enseja críticas dentro do próprio nicho reformado, sob a alegação de que esse pastor seria muito renovado ou quase pentecostal¹²; por outro lado, o Rev. Augustus Nicodemus Lopes possui um viés notadamente mais apologético em seus discursos. Pelo que sua entrada em certos nichos pentecostais nem sempre é tão receptiva. Pensamos que talvez resida aí, nessa diferença de perfis, a disparidade de tratamento dispensado a ambos pela CGADB através da CPAD Mega Store.

¹² Por exemplo: <<https://www.youtube.com/watch?v=kpVzR97NR24>>. Acesso em: 06 mar. 2018.

4 ANDARES DE BÍBLIAS, LIVROS, E...
ESPAÇO MULTIMÍDIA - CD'S E DVD'S
CAFÉ LITERÁRIO
ESPAÇO INFANTIL
EVENTOS CULTURAIS

PAPELARIA / REVISTARIA
INSTRUMENTOS MUSICAIS
ELEVADOR PANORÂMICO
WI-FI

**CPAD
MEGASTORE**

PALESTRA SOBRE O LIVRO APÓSTOLOS

FIEL
Editora

DATA: 18/07/2016
HORÁRIO: 17:30
RUA PRIMEIRO DE MARÇO, 8
- CENTRO
ENTRADA GRATUITA

AUGUSTUS NICODEMUS LOPES

MAIS INFORMAÇÕES:
(21) 2509 - 3258

Figura 3. Folder do evento com o Rev. Nicodemus na CPAD Mega Store. Disponível em: <<http://www.jmnoticia.com.br/tag/augustus-nicodemus/>>. Acesso em: 22 jul. 2017.

O evento acima ilustrado seria o lançamento de um livro desse pastor cujo tema versava sobre os apóstolos. Ora, esse tema nada tinha que ver com pentecostalismo, por isso nossa suspeita que a aversão era à pessoa e, não, à temática, o que foi negado na justificativa da “suspensão” do evento, que na verdade se configurou mesmo como um cancelamento.



SUSPENSÃO DE EVENTO

Em razão da repercussão não desejada que estava causando nas últimas semanas entre alguns irmãos em Cristo, a palestra que o reverendo Augustus Nicodemus Lopes daria às 17h30 de hoje, dia 18 de julho de 2016, na CPAD Megastore, no Rio de Janeiro, foi, por ora, suspensa. A palestra do reverendo Nicodemus foi agendada pela Editora Fiel e tinha por objetivo a divulgação do seu mais recente livro, intitulado “Apóstolos”. A razão pela qual o evento foi suspenso não está relacionada com o conteúdo do livro nem com a pessoa do autor.

Uma vez que não é do interesse da CPAD causar ou alimentar celeuma alguma dentro da igreja, mas promover a edificação do Corpo de Cristo, a direção da Casa decidiu excepcionalmente tomar essa decisão. Pedimos desculpas àqueles que haviam se programado para estar na nossa loja na tarde de hoje, enfatizando que trata-se de uma situação excepcional e que a CPAD Megastore continuará abrindo as suas portas para eventos de lançamento das editoras e gravadoras, cumprindo sua vocação de se tornar um espaço cultural para a igreja evangélica no Brasil.

Atenciosamente,

A Direção

Rio de Janeiro, 18/07/2016

Figura 4. Folder da suspensão do evento com o Rev. Nicodemus na CPAD Mega Store. Disponível em: <<http://www.jmnoticia.com.br/2016/07/18/14752/>>. Acesso em: 22 jul. 2017.

Esta celeuma pode ser compreendida também sob um viés histórico, uma vez que o pentecostalismo, desde seu surgimento, sofreu certo preconceito por parte do protestantismo e do movimento *holiness* no campo religioso estadunidense no início do século XX (LOPES, 2018, p. 34). Ademais, no Brasil, conforme afirma Mendonça, “os protestantes tradicionais já apresentam, principalmente nas áreas urbanas, acentuado preconceito contra a designação de crentes; para estes, crentes são os pentecostais, categoria inferior de evangélicos, fanáticos e ignorantes” (MENDONÇA; VELASQUES FILHO, 1990, p. 16).

Poderíamos indagar: esse preconceito contra os pentecostais aliado à sua ascensão social nas últimas décadas talvez não tenha gerado um pentecostalismo avesso ao protestantismo, mormente o reformado? Uma resposta afirmativa à questão carece de pesquisa etnográfica e bibliográfica específica, mas parece que esses indícios têm, ao menos, relativa pregnância para inferirmos que esse fenômeno pode bem ter relação com o histórico de celeumas entre protestantismo e pentecostalismo num passado próximo.

5. Considerações finais

A guisa de epílogo, sublinhamos que este ensaio não se quis plenamente elucidativo. Ao contrário, nosso fito principal foi o de iluminar o fenômeno em tela, cuja fecundidade heurística pode ser corroborada por pesquisas ulteriores. Assim, o objeto deste texto, devido a sua singularidade, requer criatividade no sentido de propor chaves interpretativas que deem conta de abarcar o fenômeno em toda sua complexidade.

Isso posto, cumpre rubricar que o fenômeno da adesão de fieis pentecostais assembleianos à doutrina reformada ou calvinista enseja, em certa medida, alguma forma de aprofundamento da individualização da fé. A adesão voluntária à fé pentecostal parece dar sinais de que está chegando a outro patamar, qual seja, a do *self* doutrinário, no qual o fiel, a despeito da confissão institucional ou doutrina postulada pela denominação, escolhe a doutrina que mais lhe agrada ou lhe parece mais plausível, sem que, no entanto, isso seja impeditivo para se autodenominar assembleiano, não importando o quanto sua opção doutrinária divirja daquela arrogada pela denominação.

Trata-se, portanto, de um objeto de investigação deveras profícuo e instigante para a Ciência da Religião e para a Teologia, sobretudo porque sinaliza uma mudança significativa numa denominação que outrora exigia conformidade doutrinária, como praticamente todas as denominações cristãs também ainda fazem, mas que precisa lidar com a questão posta no tempo presente acerca da diversidade doutrinária em seus quadros pastorais e entre os leigos.

Por fim, se essa tendência será perene ou logrará algum êxito nesse nicho pentecostal somente um distanciamento diacrônico permitirá uma resposta mais precisa. Todavia, fica aqui o ensejo a outras abordagens, aprofundamentos e, inclusive, divergências a proposta deste ensaio, uma vez que pensamos ser também um dever científico levantar questões, ainda que essas não possam ser derradeiramente respondidas hodiernamente.

Referências

- ALENCAR, Gedeon. *Assembleias Brasileiras de Deus: teorização, história e tipologia – 1911 – 2011*. 2012. 285 p. Tese (Doutorado em Ciências da Religião) – FCS, Pontifícia Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.
- BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 2007.
- CAMPOS, Leonildo Silveira. As origens americanas do pentecostalismo brasileiro. *REVISTA USP*, São Paulo, n. 67, p. 100-115, set.-nov. 2005. Disponível em: <<http://www.usp.br/revistausp/67/08-campos.pdf>>. Acesso em: 10 out. 2016.
- CENSO DEMOGRÁFICO 2010. Características gerais da população, religião e pessoas com deficiência. Rio de Janeiro: IBGE, 2012. Acompanha 1 CD-ROM. Disponível em: <http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/94/cd_2010_religiao_deficiencia.pdf>. Acesso em: mar. 2013.
- DANIEL, Silas. *Sobre meu artigo “Em defesa do arminianismo”*. 2015. Disponível em: <<http://www.cpadnews.com.br/blog/silasdaniel/o-cristão-e-o-mundo/94/sobre-meu-artigo-em-defesa-do-arminianismo.html>>. Acesso em: 08 set. 2018.

FRESTON, Paul. Breve história do pentecostalismo brasileiro. In: ANTONIAZZI, Alberto et al. *Nem anjos nem demônios: interpretações sociológicas do Pentecostalismo*. Petrópolis: Vozes, 1994. p. 72-159.

LOPES, Marcelo. *Metanoia Pentecostal: sinais de uma primavera educacional na Assembleia de Deus no Brasil*. 2018. 225 p. Tese (Doutorado em Ciência da Religião) – ICH, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2018.

MARIN, Jerri Roberto. A Assembleia de Deus nos anos de 1990: a “Década da Colheita”. *Horizonte*, Belo Horizonte, PUC-MG, v. 12, n. 34, p. 436- 464, abr./jun. 2014. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/horizonte/article/view/P.2175-5841.2014v12n34p436/6687>>. Acesso em: 21 out. 2016.

MENDONÇA, Antonio Gouvêa; VELASQUES FILHO, Prócoro. *Introdução ao Protestantismo no Brasil*. São Paulo: Loyola. 1990.

MONTEIRO, Yara Nogueira. Congregação Cristã no Brasil: da fundação ao centenário, a trajetória da uma igreja brasileira. *Estudos de Religião*, São Bernardo do Campo, UESP, v. 24, n. 39, p. 122-163, dez. 2010. Disponível em: <<https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/ER/article/view/2116/2354>>. Acesso em: 14 out. 2016.

ROLIM, Francisco Cartaxo. *Pentecostais no Brasil: uma interpretação sócio-religiosa*. Petrópolis: Vozes, 1985.

ROMEIRO, Paulo. *Decepcionados com a graça: esperanças e frustrações no Brasil neopentecostal*. São Paulo: Mundo Cristão, 2005.

WEBER, Max. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. 14ª ed. São Paulo: Pioneira, 1999.

_____. *Economia e Sociedade*. 4ª ed. Brasília: Editora da UNB, 1991.